

As Cheias de 2010 na Revista Veja: a Narração Jornalística Diante do “Inesperado”¹

Cláudia Herte de MORAES²

Ilza Maria Tourinho GIRARDI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS)

RESUMO

Este artigo aborda o jornalismo sobre meio ambiente a partir das teorias do jornalismo, discutindo alguns limites da própria institucionalização do campo. Sendo o jornalismo um discurso que organiza a representação social, analisa-se teoricamente o seu papel na construção de sentidos e cenários ofertados à sociedade, seu modo de enquadrar e construir a realidade. Observa-se que o valor-notícia do “inesperado” constitui-se um ponto fulcral do jornalismo que se volta, cada vez mais, ao acontecimento e não às problemáticas. Como exemplo deste percurso teórico, traz alguns aspectos de coberturas da revista Veja sobre as chuvas em São Paulo e no Rio de Janeiro, que argumentam acerca da inércia do Estado para tratar dos problemas ambientais e catástrofes de grandes cidades brasileiras.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; teorias do jornalismo; revista Veja; chuvas; acontecimento inesperado.

ABSTRACT

This article focuses on environmental journalism from the theories of journalism, discussing some limitations of the institutionalization of the field. Being a journalism discourse that organizes the social representation, we analyze theoretically the role in the construction of meaning and scenarios offered to the society, its way of framing and constructing reality. It is observed that the news value of the "unexpected" constitutes a focal point of journalism that is turning increasingly to the event and not the problem. As an example of this theoretical approach, are some aspects of coverage of Veja magazine about the rain in Sao Paulo and Rio de Janeiro, who argue about the inertia of the state to deal with environmental catastrophes and large cities.

¹ Trabalho apresentado à segunda edição da Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, publicação ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná.

² Cláudia Herte de Moraes: Professora Assistente da Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen, com atuação nas áreas de jornalismo ambiental e teorias do jornalismo. Doutoranda em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: chmoraes@gmail.com

³ Ilza Maria Tourinho Girardi: Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br

Keywords: environmental journalism, theories of journalism; Veja magazine, rain, unexpected event.

1 Pressupostos teóricos: a institucionalização do jornalismo

Levando-se em consideração a importância do jornalismo junto à constituição do espaço público⁴, é justo afirmar que este assume caráter preponderante na construção de cenários, de imaginários, de representações e consensos que são ofertados à sociedade. Entende-se o jornalismo como uma forma social de conhecimento cristalizado no singular, não sendo, portanto, uma simples técnica. Isso porque a realidade captada pelo jornalismo não pode ser considerada, *a priori*, alienante, pois “a singularidade é uma dimensão objetiva da realidade e, além disso, o singular também contém o particular e o universal” (Genro Filho, 1987, online).

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, “e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARAUDEAU, 2007, p.19). Por isso, o autor evoca a ideia de que, quando as mídias tomam posição sobre o que deve ser a informação, cabe analisar o problema da ética do discurso midiático, pois a informação, qualquer que seja, não pode pretender a transparência, a neutralidade ou a factualidade.

Revisando alguns estudos de coberturas ambientais na imprensa brasileira verifica-se a dificuldade na articulação dessas ao contexto, ou seja, de um assentamento do lugar dos fatos na perspectiva social. A cobertura ambiental é, portanto, sem profundidade ou reflexão. No entanto, esse desenraizamento pode ser interpretado como sendo resultado do processo midiático, influenciado pela própria institucionalização do jornalismo, entendida aqui como a legitimação das rotinas produtivas e dos valores a estas associados, em interação com outros atores sociais.

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. (...) As tipificações das ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas. São acessíveis a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais. (Berger & Luckmann, 2008, p. 79)

Berger & Luckmann (2008, p.88) acrescentam ainda que o mundo institucional exige legitimação, encontrada nos modos pelos quais ele pode ser explicado e justificado. O jornalismo

⁴ Espaço público entendido como local em que se efetiva a visibilidade pública, nem sempre acompanhada de debate e/ou de deliberação, características da esfera pública descritas no modelo Habermasiano.

busca a legitimação quando se justifica e se apresenta como instituição capaz de levar, à sociedade, o conhecimento acerca dos acontecimentos mais significativos da atualidade, ou de forma explícita ou implícita, explica e exalta seus procedimentos e sua validade social.

2 Os limites do jornalismo sobre meio ambiente

As questões ambientais apareceram na mídia ainda na década de 60, acompanhando a ascensão do movimento ambientalista. Autores como Leff (2001), Souza e Fernandes (2002), Barbour (2003) e Sousa et al (2004) relatam a crise do modelo de desenvolvimento e industrialização em meados do século XX como essencial neste primeiro “aparecimento” do tema na imprensa. A questão se tornou mundial somente em 1972 com a organização da Conferência de Estocolmo (Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano), ocorrida na Suécia.

O tratamento geralmente dado pelo jornalismo à temática ambiental é bastante criticado. Massierer & Girardi (2008), relatam os estudos de Luft (2005), Nether (1998), Oliveira (1990), Strauch (2002) e Rocha (2005) apontando para a apresentação isolada do tema, com privilégio às fontes oficiais e às notícias sensacionalistas⁵. Resultados de análise realizada por Loose (2007) na editoria de Ciência do jornal *Folha de S. Paulo* entre 1º e 28 de fevereiro de 2006 apontam que a tendência foi de “realçar estratégias que gerem veracidade no discurso, usando inúmeras formas de referentes e testemunhos”, além de abusar de recursos do campo pedagógico, como a repetição e explicação de termos, com o uso constante de mapas, gráficos e esquemas (Loose, 2007, p.13).

Esse posicionamento discursivo reforça o funcionamento do jornalismo como um local de produção e divulgação de “verdades”. Ou melhor, um processo de representação que produz “efeito de verdade”, o qual Charaudeau explica “que está mais para o lado de 'acreditar ser verdadeiro’ do que para o de 'ser verdadeiro’”. (2006, p.49).

O meio ambiente tem recebido maior atenção da mídia e dos estudos na área nos últimos anos. “O número de trabalhos que investigam jornalismo e meio ambiente tem crescido. Neles é perceptível a importância das agendas midiaticamente 'partilhadas' sobre o tema, bem como as disputas de sentido entre diferentes Campos Sociais para sua conformação” (Girardi et al, 2010, p.2). Os autores contabilizam 19 trabalhos nos encontros da Associação Brasileira de Pesquisa-

⁵ “(...) Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura” (Capra, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 400 apud Girardi et al, 2006, p.7).

dores em Jornalismo - SBPJor - entre 2005 e 2009⁶ e afirmam que “guardadas as especificidades, a maior parte dos trabalhos preocupa-se com o tipo de atenção jornalística dada à questão, sugerindo superar a fragmentação de abordagem e a descontinuidade da cobertura”. Os estudos destacados apontam que há problemas de aprofundamento, reflexão, falta de pluralidade de fontes, motivação pela catástrofe.

A partir das considerações sobre a abordagem do tema ambiental, passamos a refletir em que medida este tratamento está vinculado às estruturas institucionalizadas do jornalismo, referidas no primeiro item deste artigo. Na esteira dos estudos das teorias construcionistas, percebemos que, em certa medida, há um limite do jornalismo no tratamento do meio ambiente por ser este um tema que, afora ao tempo da cobertura dos desastres, faz parte de um cotidiano invisível. A tendência é que a notícia (ou acontecimento jornalístico) se volte para o inesperado, àquilo que rompe com a normalidade e que precisa ser recomposto dentro das representações culturais já consensuais na sociedade.

A seguir, apresentamos uma análise da cobertura sobre as cheias no Sudeste do início de 2010⁷, realizada pela Revista Veja, aprofundando os conceitos do discurso do jornalismo, utilizado na formatação do acontecimento, organizado, em grande medida, pelo valor-notícia do “inesperado”. O valor-notícia, para Wolf (1994) é um componente da noticiabilidade. São regras práticas, e respondem à pergunta sobre quais os acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias. Como aponta o autor, a noticiabilidade é um conjunto de requisitos (valores-notícia) que são exigidos dos acontecimentos para que existam publicamente como notícia.

3. Acontecimento jornalístico: as chuvas na revista Veja

As análises a seguir são realizadas a partir de três edições de Veja: edição 2147, de 13 de janeiro de 2010; edição 2151, de 10 de fevereiro de 2010 e edição 2160 de 14 de abril de 2010. Alguns trechos das reportagens são pinçados tendo-se em mente os modelos teóricos apresenta-

⁶ Além disso, complementam: “A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom - já promoveu dois encontros tendo comunicação e meio ambiente como tema central, em 1992 e 2008; os eventos da entidade somam dezenas de artigos sobre desdobramentos do tema. A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental já realizou três edições do Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, dois deles com sessões de trabalhos científicos (2007 e 2010)” (Girardi et al, 2010, p.2).

⁷ As inundações e deslizamentos de terra foram motivadas por chuvas intensas nos primeiros meses de 2010, especialmente em janeiro e abril. No Rio de Janeiro, as localidades mais atingidas foram Angra dos Reis e o Morro do Bumba em Niterói. Em São Paulo, foram a região noroeste e o Vale do Paraíba, especialmente São Luiz do Paraitinga.

dos nos aspectos da construção da realidade social por meio de práticas institucionalizadas do campo jornalístico, especialmente na seleção das notícias (e seus critérios de noticiabilidade), e quanto à ordem do discurso jornalístico⁸, colocado como relato fiel dos fatos e da correspondência direta à realidade “retratada”.

A institucionalização do jornalismo ganha corpo essencialmente pelo próprio processo de seleção dos acontecimentos que são “tratados” como notícia. Entendemos que o jornalista constrói sentidos já a partir deste primeiro ato de selecionar o que terá a existência pública como notícia. Por este motivo, a compreensão da cultura jornalística tem sido apontada como foco importante na teorização sobre os valores-notícia que compõem a noticiabilidade.

Vamos observar os saberes profissionais que formam o vocabulário de precedentes, o qual é articulado por: um saber de reconhecimento, um saber de procedimento e um saber de narração. O primeiro é relacionado à capacidade de reconhecer o que é notícia, é o “faro jornalístico”. No segundo, o jornalista mobiliza a competência na recolha dos dados e na sua apuração e verificação.

Por último, o saber de narração é a capacidade de compilar as informações em tempo útil e de forma interessante (Ericson, Baranek e Chan⁹ apud Traquina, 2005, pp.40-42). Traquina compreende, então, que os jornalistas possuem uma “maneira de agir”, ligada ao saber de procedimento¹⁰; uma “maneira de falar”, ao saber de narração; e uma “maneira de ver” associada ao saber de reconhecimento, onde os critérios de noticiabilidade são mais facilmente analisados.

Entre os atributos das notícias relacionados à noticiabilidade, o inesperado é considerado um dos elementos fundamentais. “Há um provérbio que fala que é de fato o inesperado que acontece. Uma vez que o que acontece faz notícia, segue que a notícia está sempre ou principalmente interessada no inesperado ou incomum” (Park, 2008, p.61). Para Charaudeau, a mídia seleciona o acontecimento “em função de seu potencial de saliência, que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem” (2007, p.141).

Dessa forma, o acontecimento jornalístico prioritariamente estaria ligado ao que vai surpreender a rotina, “retirar da realidade” aquilo que surpreende o leitor. Este princípio da noticiabilidade pode ser considerado um dos pilares sobre o qual o jornalismo edifica a sua instituciona-

⁸ Toma-se o termo “ordem do discurso” de Michel Foucault ([1970] 2011) para designar, neste artigo, a formação de um discurso que é anônimo, histórico, compartilhado e que desenvolve a legitimidade da prática no jornalismo, definindo, em grande medida, a sua função social: a produção da notícia.

⁹ ERICSON, Richard V.; BARANEK, Patricia M; CHAN, Janet B.L. *Visualizing Deviance: a study of news organizations*. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

¹⁰ Embora os saberes se encontrem entrelaçados, nossa escolha de análise focalizou o saber de reconhecimento e, especialmente, o saber de narração. O saber de procedimento vincula-se também às rotinas produtivas, não avaliadas para este artigo.

lização. Percebemos que esta posição encontra-se subjacente à cobertura de Veja em relação às chuvas no Rio de Janeiro e em São Paulo de 2010. Nas três edições analisadas, são perceptíveis que as consequências dos fatos ambientais são consideradas como algo fora do comum. Embora os acontecimentos preencham outros valores-notícia tais como a abrangência, o impacto, o número de pessoas atingidas, evidenciam-se os estragos trazidos pelo fenômeno.

Importa entender que há uma grande variedade de classificações sobre os valores-notícia, mas que eles não são imperativos, ao contrário, vão sendo construídos e reconstruídos na prática institucionalizada do jornalismo. Mais importante ainda é compreender que eles “operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo” (Ponte, 2005, p. 192).

Os critérios substantivos dos valores-notícia de seleção foram listados por Traquina (2005): a morte; notoriedade do ator principal; proximidade; relevância; novidade; tempo: atualidade; *news pegs*; e permanência; notabilidade (de acordo com o consensual na sociedade); inesperado; conflito ou controvérsia; infração; escândalo. Entende-se que os critérios de seleção são direcionados aos fenômenos ou fatos que são “candidatos” a serem notados como notícias.¹¹

Interessante perceber que os critérios de noticiabilidade funcionam institucionalmente no campo jornalístico, ou seja, há poucas variações em relação aos suportes e veículos estudados. Como mostra a análise da cobertura pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, sobre a tragédia do Morro do Bumba, na qual as autoras concluíram igualmente que há uma sobreposição de diferentes valores-notícia, que dispararam o olhar do jornalismo sobre determinado fenômeno, pois neste caso, “(...) O fato é portador de uma série de atributos que o tornam noticiável: o morro não era morro (era um aterro de lixo), as pessoas moravam irregularmente em cima dele, havia anuência do poder público, tratava-se de pessoas pobres, muitas perderam suas casas e outras tantas morreram” (Amaral; Pozobon; Rubin, 2010, p.2).

Voltando às edições da revista Veja, a capa da edição 2147 (13 de janeiro) não foi sobre o problema, mas há reportagem interna, pois os primeiros deslizamentos ocorreram no dia 1º de janeiro em Angra dos Reis/RJ). Duas capas trataram do tema das cheias no primeiro semestre de 2010: na edição número 2151 (*Por que chove tanto: uma rara combinação de fatores atmosféricos é a causa do dilúvio que há mais de 40 dias castiga o Sul e o Sudeste do Brasil*, Figura 1) e,

¹¹ Os critérios de seleção substantivos são de avaliação direta da importância e do interesse do fato, enquanto que os critérios contextuais são ligados ao processo produtivo, envolvendo questões políticas, mercadológicas, comerciais, ideológicas. Embora os contextuais certamente contribuam para a construção da notícia, focalizamos nos aspectos da seleção dos fatos, escolha decorrente do objetivo do artigo.

na edição 2160 (*Culpar as chuvas é demagogia. Os mortos do Rio de Janeiro que o Brasil chora foram vítimas da política de dar barracos em troca de votos*, Figura 2)



Figura 1: Capa 2151, após 45 dias de chuvas em SP (10 de fevereiro)

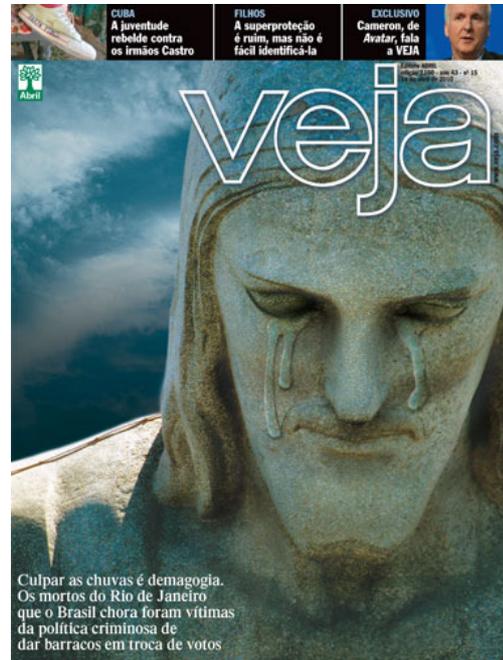


Figura 2: Capa 2160, as (segundas) grandes chuvas no Rio (14 de abril)

As capas levam em consideração o maior número de elementos que respondem aos critérios de seleção que enumeramos acima. Num contexto amplo, o discurso da publicação ajuda a construir o tema ambiental como decorrência de tragédias climáticas que trazem morte, destruição, mas que estão associados a uma inércia dos governos quanto às políticas de habitação (caso do Rio de Janeiro). No caso das chuvas de São Paulo, este enfoque é um pouco diminuído: embora também haja a crítica às autoridades, o tom é voltado mais para o grande volume de chuvas que se abateu sobre o Sul e o Sudeste.

Passamos a observar agora como o saber de narração, o “jornalês” proposto por Traquina (2005), é utilizado para provocar o desejo de ser lido. Este saber é detalhado pelas seguintes características: realismo gráfico e criação de ambientes (Quadro 1) e dramatização do acontecimento como, por exemplo, na utilização de metáforas (Quadro 2). Observaremos alguns trechos das reportagens a partir destes componentes narrativos:

Quadro 1: Realismo gráfico e criação de ambientes

Edição 2147	Desta vez, 126 pessoas morreram no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, os estados mais atingidos. O número de desabrigados passa de 3 000, e 39 municípios decretaram estado de <i>emergência ou calamidade pública</i> . Entre eles, Angra dos Reis é o caso mais <i>dramático</i> e, também, o retrato mais preciso do conjunto de fatores que desencadeia esse tipo de tragédia. Ali, <i>morreram 52 pessoas</i> , na virada do ano, vítimas de deslizamentos de encostas. Tudo era previsível. Na bela região em torno da Baía de Angra, com suas 365 ilhas e mais de 2 000 praias, <i>chove quase o dobro da média do Rio de Janeiro</i> , e a instabilidade das encostas é conhecida. Em 2002, 39 pessoas morreram em Angra num deslizamento com características semelhantes às de agora.
Edição 2151	Diariamente, a cidade é castigada por temporais intensos, que duram em torno de duas horas e instauram o caos. A chuva causa <i>congestionamentos monstruosos</i> no trânsito, deixa bairros inteiros alagados e sem eletricidade, derruba casas e árvores e, até a sexta-feira passada, havia provocado <i>a morte de 14 pessoas</i> , carregadas pela enxurrada, vítimas de desabamentos ou queda de árvores. Em janeiro, o volume de água que se abateu sobre São Paulo foi de 480,5 milímetros. Isso representa o dobro da média histórica de janeiro e <i>o maior volume registrado desde 1947</i> nesse mesmo mês. São Paulo é o epicentro das <i>chuvas torrenciais</i> que atingiram também outras áreas do Sul e do Sudeste do país.
Edição 2160	Em frente a uma montanha de terra de onde escavadeiras retiravam corpos das vítimas do deslizamento no Morro do Bumba, o motorista Marco Antônio Caternol, de 31 anos, já não acreditava que encontraria <i>o filho Caíque, de 6 anos</i> . Na noite anterior, o menino jantava em casa, na companhia da avó, da mãe e do irmão mais novo, quando se ouviu um estrondo. Assustada, a mãe foi à rua com o caçula para ver o que havia acontecido - <i>exato momento em que sua casa foi engolida pela avalanche, levando Caíque e a avó</i> . "Sempre vou me perguntar: por que ele não saiu na hora certa?", diz o pai.

O notícia é construída a partir da descrição de elementos e detalhes que, juntos, constituem o ambiente recriado do acontecimento, são trazidos ao “campo dos significados”, que classificam, identificam e contextualizam os próprios acontecimentos. Este trazer ao campo do significado quer dizer, segundo Hall (1993, p.226): “na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os 'mapas de significado' que já constituem a base de nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está 'traçado’”. O jornalismo então se legitima como espaço no qual a realidade é contada de acordo com uma natureza consensual. No caso das chuvas, quando se dão acima da média, mostra o drama de quem perde tudo, de casas a documentos, os transtornos à normalidade do trânsito, da vida cotidiana e, claro, a morte, sempre como valor-notícia insuperável em qualquer cobertura, como demonstram as palavras e expressões grifadas no Quadro 1.

Sobressaem-se ainda os dados do contrato de comunicação midiática, conforme Charau-deau (2007), em que a construção da notícia obedece a um modo discursivo que “descreve o fato com minúcia, produzindo um efeito de objetividade, mas também como uma descrição dramatizante, produzindo um efeito emocional suscetível de despertar, naquele que se informa, instinto de voyerismo ou de medo” (2007, p.129).

Quadro 2: Utilização de metáforas (dramatização do acontecimento)

Edição 2147	Todos os anos, chuvas de verão derrubam pontes, fecham estradas, deixam milhares de brasileiros desabrigados, matam. Em seguida, autoridades <i>partem em romaria</i> para os locais afetados, fazem discursos compadecidos e prometem verbas ou obras emergenciais, como se tivessem sido colhidas de surpresa pela catástrofe.
Edição 2151	<i>Dilúvio... 45º dia</i> O brasileiro que vive no Sul ou no Sudeste está habituado às previsíveis chuvas de verão. Mas não a essa <i>cortina de água</i> que se repete dia após dia como se fosse uma reedição do <i>dilúvio bíblico</i> (que, por sinal, se prolongou por quarenta dias, tempo já ultrapassado pelo dilúvio paulistano).
Edição 2160	A tempestade que se abateu sobre o Rio de Janeiro na madrugada da última terça-feira, com fúria e persistência recordes, escancarou a gravidade de um problema há décadas negligenciado: o incentivo oficial para a ocupação de encostas. Não fosse o risco de vida embutido, a " <i>indústria da favelização</i> " poderia até ser vista como um programa social. Não é. Os falsos beneméritos dão ajuda material a famílias inteiras para que se instalem em áreas de alto risco em troca do voto delas nas eleições. Quando ocorrem tragédias como a da semana passada, eles fingem que o problema não é com eles. O último levantamento oficial mostra que em 119 favelas, de sete municípios do estado, ocorreram 197 das 219 mortes registradas até agora. Ao testemunhar o desabamento de dezenas de casebres e a morte de vizinhos no Morro dos Prazeres, na Zona Sul da cidade e um dos mais atingidos pelas chuvas, José Ferreira, 60 anos, resumiu: " <i>Parecia um tobogã</i> ".

Como exemplificamos no Quadro 2, as metáforas¹² utilizadas são um recurso de aproximação do acontecimento relatado ao âmbito das significações partilhadas, e seu funcionamento adequado têm a intenção de oferecer bases para uma medição do acontecimento. Identificamos alguns efeitos de sentido, que indicam *abrangência* (“políticos em romaria”, em grande número); *permanência e repetição* (“indústria da favelização”, produção de favelas induzida por políticos); *impacto* (“dilúvio bíblico”, remetendo-se a um *final dos tempos* e “parecia um tobogã” que caracteriza a velocidade dos desabamentos). As reações das pessoas envolvidas e ouvidas pela reportagem são organizadas dentro de um sistema de linguagem referencial, por isso o uso de números de mortes e de crescimento populacional, fechando assim o sentido quanto à ineficiência do sistema político e de governos.

A dramatização pelo uso de metáforas pode ser compreendida com o propósito de acionar memórias discursivas sobre acontecimentos históricos ou de outras situações que, de forma geral, produzem emoções semelhantes. Desta forma, a metáfora é uma comparação de uso fácil e rápido que causa um efeito de identificação com a temática. Charaudeau e Maingueneau apontam as funções discursivas da metáfora: estética (ornamento e força imagética); cognitiva (apro-

¹² A metáfora é considerada como a figura mais importante do discurso, sendo primeiramente usada para designar diversas “transferências de denominação na Poética de Aristóteles, antes de referir-se apenas às transferências por analogia” (Charaudeau e Maingueneau, 2008, p.328).

ximando domínios de conhecimento); e, por último, uma função persuasiva, pois podem impor opiniões sem demonstração, fornecendo uma analogia condensada (2008, p.330).

No momento em que catástrofes são detalhadas, o jornalismo aproveita ao máximo essas funções discursivas, visto que não apenas o texto torna-se mais fluido e interessante, quando aproxima o leitor de memórias que trazem emoções semelhantes, como também, desta forma, apontam para um entendimento global do acontecimento sem que haja, necessariamente, argumentações elaboradas.

Por fim, analisamos que, a partir da construção do discurso de Veja sobre os desastres tem-se a ideia de uma previsibilidade (Quadro 3), dando espaço ao argumento da falta de investimentos públicos na resolução de problemas da ocupação urbana, sendo considerada então uma “tragédia já anunciada”. Trazemos aqui os exemplos dos títulos e linhas de apoio das reportagens principais das coberturas, considerados pontos-chave na leitura do texto.

Quadro 3: A previsibilidade dos acontecimentos “inesperados”

Edição	Data	Trecho
2147	13/01/2010	Título: Trágico, absurdo, <i>previsível</i> Linha de apoio: Na virada do ano, os temporais de verão <i>voltam a destruir</i> e matar. Angra dos Reis, a cidade mais atingida, é a síntese de um <i>drama brasileiro</i> que tem como protagonistas o <i>descaso das autoridades</i> e a falta de infraestrutura
2151	10/02/2010	Título: DILÚVIO 45º DIA DEPOIS DA CHUVA, <i>O CAOS</i> Linha de apoio: O <i>rastros de destruição</i> na Vila Guarani, na Zona Leste de São Paulo, onde a enxurrada matou duas pessoas: a <i>ocupação irregular</i> das margens de córregos e rios agrava o problema das enchentes
2160	14/04/2010	Título: RIO <i>...do descaso, da demagogia, do populismo e das vítimas de suas águas</i> Linha de apoio: A maior tempestade da história do estado causa centenas de mortes nas favelas e expõe o <i>lado sombrio da política</i> de incentivos à ocupação

O uso de expressões de continuidade (previsível, voltam a destruir, drama brasileiro) é conjugado, no discurso da Veja, a outro conjunto que aponta para os “culpados” pela situação trágica que está sendo relatada. O poder público e a política em geral são tocados por palavras fortes, acusativas, tais como descaso, demagogia, lado sombrio da política, ocupação irregular. Apesar de mostrar o “drama” da situação, por poucas vezes estes temas foram tratados adequadamente, antes da catástrofe. Porém, pelo próprio discurso da revista, são problemas estruturais que atingem as cidades e ocorrem de forma contínua, e já há muito tempo.

Cornu considera a informação como um bem que abrange “os conhecimentos gerais que todo cidadão deve ter sobre o mundo, sobre os demais homens e as responsabilidades que lhe cabem no seio da sociedade a qual pertence” (Schwoebel, J.¹³ apud Cornu, 1998, p.51). Desta forma, a tarefa do jornalismo seria observar e atuar de forma ativa na crítica à realidade. Dito de outra forma, seria preciso “tratar de situações problemáticas ou litigiosas antes que se tornem ocorrências explosivas. Esse dever de informação preventiva – sempre menos espetacular que a informação factual! - é, sem dúvida um dos que acusam, na mídia moderna, o maior déficit” (Cornu, 1998, p.51).

Devemos levar em conta que é por uma escolha feita pelas mídias que um acontecimento se elege como tal. Diante do poder de penetração das redes midiáticas, diz-se que se não passou pela mídia não aconteceu. Essa escolha, relacionada à função testemunhal, tem uma dupla face: estatuir uma realidade e organizar um dado a ver. (Gomes, 2000, p.79)

A escolha do que é publicado, mesmo que focada na atualidade, é uma forma de organizar as visões de mundo. De certa forma, a ausência da cobertura dos problemas ambientais urbanos, da chamada Agenda Marrom, de forma cotidiana, denota esse funcionamento voltado à emergência, à chamada tirania do tempo, sendo que os jornalistas se perguntam basicamente sobre “o que há de novo”. Assim, afirma-se que o ritmo da atividade exige a ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas (Traquina, 1993).

Ainda que o jornalismo trate do inesperado, Park (2008) lembra que o inesperado (imprevisível) já é esperado. Assim, temos o valor relativo da notícia (que pode sempre ser superado pelo interesse de uma nova notícia). O inusitado é utilizado para tornar mais “quente e urgente”. Por isso, observamos que “um evento deixa de ser notícia tão logo a tensão provocada acabe e a atenção do público seja direcionada para um outro aspecto do habitat ou outro incidente novo e emocionante ou importante para prender sua atenção” (Park, 2008, p.59).

É exatamente o que ocorre quando a tensão sobre as catástrofes diminui. Verifica-se que outras notícias ganham maior espaço na revista: mesmo tendo “conquistado” a capa da publicação no período “dramático”, nas semanas seguintes o tema desaparece.

Considerações finais

¹³ SCHWOEBEL, Jean. *La presse, le pouvoir et l'argent*. Paris: Seuil, 1968.

Percorremos os modelos teóricos que permitem analisar o jornalismo sobre meio ambiente dentro de uma perspectiva que estabelece a importância da institucionalização do campo jornalístico, legitimado e reconhecido por sua intervenção social através do produto notícia. Neste aspecto, tomamos como pressuposto a contribuição do jornalismo na constituição de crenças e visões de mundo.

Salientamos que a interpretação dos conteúdos simbólicos produzidos e distribuídos está, de certa forma, acompanhada de características socioculturais amplas e de caráter estrutural, até para que as próprias informações tenham lugar e possam ser decodificadas pela sociedade. Assim como Hall (1993) aponta os mapas de significado como ponto central no trabalho executado pelos jornalistas (que identificam, classificam e selecionam os acontecimentos inesperados e os colocam dentro de um mundo já significado socialmente), consideramos que o meio ambiente retratado por *Veja* é também resultado desta interação entre o jornalismo e a sociedade que, no cotidiano, não dá a importância devida às questões ambientais.

Analisando a cobertura realizada pela revista sobre as chuvas é possível verificar como os critérios de noticiabilidade estão presentes, quando são colocados em curso os “saberes de reconhecimento”, conforme Traquina (2005). As tragédias ambientais ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2010, constituem-se “pratos cheios” de noticiabilidade. São inesperados, e por isso trazem a “anormalidade” da rotina, demonstram a ineficiência do Estado, escancaram o modo precário de vida de milhares de moradores dos grandes centros urbanos no Brasil.

Exemplificamos ainda como a linguagem jornalística articula o “jornalês” pelo “saber de narração”, utilizando-se de um discurso de caráter informativo, com detalhamento de situações e lugares, e com a dramatização de depoimentos sobre o acontecimento e o uso de metáforas que acionam memórias socialmente construídas e dramáticas. A linguagem traz em si mesma uma construção de mundo e dos acontecimentos.

As edições de *Veja* que trataram do tema apresentaram uma linha argumentativa que apontou que, mesmo diante do relato do inesperado, as tragédias já seriam anunciadas. Percebe-se que a questão, para uma ideia sobre o jornalismo de meio ambiente, não está apenas numa falta de contexto ou de aprofundamento das reportagens (e isso certamente ocorre), mas parece estar ligada também a um aspecto estrutural do jornalismo, que não se desenvolve dentro de uma linha de “informação preventiva”, como observa Cornu (1998).

Com base nas edições da revista *Veja* analisadas, pode-se inferir, tal como Gomes (2000, p.82) afirma ser o jornalismo alimentado pelo “acontecimento desaparecido”, sendo que a efemeridade é importada pela atualidade, e este vínculo tem, como efeito, “a efemeridade como princípio e o desaparecido como estratégia”.

Entendemos desta forma o jornalismo não como o campo das problemáticas, mas das novidades especialmente inesperadas, e apontamos neste artigo que há um desaparecimento “estrutural” dos problemas ambientais, especialmente dos problemas complexos e de fundo das grandes cidades. Assim, mantém-se uma ordem de discurso em que a atualidade e o inesperado se juntam, de forma esporádica, para organizar o sentido de uma apatia política e governamental em relação às causas ambientais que, efetivamente, não “aparecem” enquanto não são consideradas catástrofes ou tragédias. Ao mesmo tempo, o jornalismo afasta de si uma sua responsabilidade social, que deveria ser atuar na direção de fornecer informações preventivas. As cheias voltaram às capas das revistas em 2011, com uma tragédia ainda maior, que resultou na morte de cerca de mil pessoas e gerou milhares de desabrigados. Novamente o tema da ocupação de áreas de risco teve seu ápice, porém foi esquecido ao longo do ano até que nova catástrofe aconteça.

Referências

- AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunho e piedade. *Lumina*. Vol. 4, nº2 (dez. 2010).
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBOUR, Ana Maria Alves. *Jornalismo Ambiental*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE). 2003. Disponível em: <http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-txt_importante/teses_e_monograf/RELATO RIO.zip>. Acesso em: 26 nov 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. SP: Contexto, 2007.
- _____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. SP: Contexto, 2008.
- CORNU, Daniel. *Ética da informação*. SP: Edusc, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br>. Acesso em: 20 jul 2007.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade. *UNIrevista*. Vol. 1, nº 3: (julho 2006).

____; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling; SCHWAAB, Reges. *Jornalismo Ambiental: caminhos e descaminhos*. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8, São Luis, 2010. CDROM.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e ciências da linguagem*. SP: Hacker/Edusp, 2000.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOOSE, Eloísa Beling. *O discurso e algumas estratégias discursivas do Jornalismo Ambiental da Folha de São Paulo*. In: VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. Passo Fundo/RS: UPF, 2007.

MASSIERER, Carine; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. *O peso da organização jornalística na construção das matérias de meio ambiente no Brasil*. IX Congreso Latinoamericano de Investigación de La Comunicación. 2008. Disponível em: http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Tecnologia/ponencias/GT18_%204%20Massierer%20Tourinho.pdf. Acesso em: 10 out 2008.

PARK, Robert E. Notícia e poder da imprensa. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa*. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico*. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

SOUSA, Anaelson Leandro De; BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas; ALBUQUERQUE, Eliana C.P. Tenório. *A notícia e o anúncio ambiental: analisando o Dia Mundial do Meio Ambiente na mídia impressa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.adtevento.com.br/intercom/resumos/R1823-2.pdf>. Acesso em: 07 jul 2005.

SOUZA, Cidoval Moraes de; FERNANDES, Francisco A. Martins. Mídia e Meio Ambiente: Limites e Possibilidades. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 8, n. 2, jul-dez, 2002. Disponível em: <http://www.unitau.br/prppg/publica/humanas/download/midiaemeioambiente-N2-2002.pdf>. Acesso em: 03 jun 2005.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.

____. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1994.